
EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Construir o mundo que se espera

Jussara Santos Pimenta*

Resumo: O texto tem como objetivo compreender como Cecília Meireles se empenhou, a partir do seu trabalho no jornal carioca *Diário de Notícias*, onde permaneceu de junho de 1930 a janeiro de 1933, para sensibilizar e envolver os seus leitores na obra de reconstrução pedagógica pela paz. A nossa análise tomou como fonte primária os «Comentários» publicados na «Página de Educação», onde a poeta e educadora expõe as suas concepções educacionais, políticas e filosóficas. Segundo ela, ser educador equivalia a ser poeta, para compreender a criança e suas aspirações e possibilitar o nascimento de um novo mundo de paz e de pacificação da natureza combativa por meio de uma convicção profunda, de um gesto voluntário, não uma atitude meramente convencional e decorativa. Para tanto, cabia aos educadores atuar sobre a infância com eficiência e simplicidade a fim de possibilitar a construção de um mundo melhor. O ideal de educação, de acordo com Cecília, deveria ultrapassar os limites estreitos da sala de aula, derrubar as fronteiras entre os países, dissolver os estranhamentos de raça, língua, cultura, religião, pois a escola tem objetivos muito mais amplos que o simples ler, escrever e contar.

Palavras-chave: educação para a paz, escola nova, Cecília Meireles

PEACE EDUCATION: THE CONSTRUCTION OF THE WORLD WE WANT

Abstract: The paper aims to understand how the work of Cecília Meireles developed from June 1930 to January 1933 in the newspaper *Diário de Notícias* contribute to raise the awareness and engage her readers in the work of the pedagogical reconstruction for peace. Our analysis uses as a primary source the «Comments» published in the «Education Page», where the where the poetess and the educator shows her educational, political and philosophical conceptions. According to her, being an educator was to be a poet to understand the children and their aspirations and to enable the birth of a new world of peace and pacification of the combative nature through a deep conviction, a voluntary gesture, not merely a conventional and symbolic(?) attitude. To do so, it was up to the educators to act on childhood

* Universidade Federal de Rondônia (Porto Velho, Brasil).

with efficiency and simplicity in order to make possible the construction of a better world. The ideal of education, according to Cecilia, should go beyond the narrow limits of the classroom, to surpass the boundaries between countries and to overcome any discrimination based on race, language, culture and religion, for schools have much wider objectives than simply teaching how to read, write and count.

Keywords: new school, peace education, Cecília Meireles

ÉDUCATION POUR LA PAIX: CONSTRUIRE LE MONDE QU'ON ATTEND

Resumé: Notre texte a pour objectif de comprendre l'engagement de Cecília Meireles quand elle a commencé à collaborer avec le journal de Rio de Janeiro *Diário de Notícias*. De juin 1930 à janvier 1933, elle s'est efforcée de toucher et impliquer ses lecteurs dans un travail de reconstruction pédagogique pour la paix. Pour étayer notre analyse, nous avons utilisé comme principale source «les Commentaires» publiés dans «La Page de L'Éducation», où la poète et éducatrice exposait ses conceptions éducatives, politiques et philosophiques. Selon elle, être éducateur équivalait à être poète, afin de comprendre l'enfant et ses aspirations et pour permettre l'avènement d'un nouveau monde de paix et de pacification de nature militante et ce, par le biais d'une conviction profonde, d'un geste résolu opposés à une attitude conventionnelle et décorative. Ainsi, les éducateurs se devaient d'agir sur l'enfance avec efficacité et simplicité pour rendre possible la construction d'un monde meilleur. L'idéal d'éducation, selon Cecília Meireles, devait surpasser les limites étroites de la salle de classe, faire tomber les frontières entre les pays, dissoudre les conflits raciaux, de la langue, de la culture, de la religion, les objectifs de l'école ne se résumant pas à l'apprentissage de la lecture, de l'écriture et des mathématiques.

Mots-clés: nouvelle école, paix pour l'éducation, Cecília Meireles

*E então nos voltamos para a educação. Como um último apelo.
Para que o sonho não se perca, e se faça realidade sem deixar de ser sonho.
E é tão belo que entristece. Porque o instante da beleza definitiva
deixa sempre os olhos úmidos. A gente pensa:
«Se fracassa a beleza, que pode mais restar ao homem para seu sustento?»*

Meireles, Cecília. O destino das Esperanças, *Diário de Notícias*, 01/05/1932

Introdução: argumentos em favor de uma educação para a paz

Se é urgente, de acordo com Jares (2007), um pacto educacional global pela paz e contra todos os tipos de violência, a educação *tem de desempenhar um papel ativo e comprometido*, abrangendo os currículos, a formação de professores, os conteúdos das diferentes áreas, os materiais curriculares, bem como os processos organizacionais. De acordo com esse autor, a educação

para a paz tem um legado amplo, rico e plural, com diferentes ênfases, matizes e fontes geradoras, das quais a primeira fundamenta-se, pedagogicamente, tanto na teoria quanto na prática, no movimento da Escola Nova que tem início no século XX. A esse movimento de transformação e renovação humanista somava-se o fato de ter eclodido em um período entre duas grandes guerras mundiais, assim, além da crítica às práticas e concepções pedagógicas, o movimento fundamentava-se no internacionalismo e na ideia de envidar esforços e ações para evitar a guerra.

A utopia reinante nesse período era a de que a salvação do mundo, a redenção da humanidade, como sugere Maria Montessori (2004), estaria nas mãos dos educadores, de todos aqueles que fossem capazes de empreender e de fomentar em suas salas de aula atividades que resultassem em ações socialmente úteis e não destrutivas. Ainda de acordo com a educadora italiana, a «primeira verdadeira linha de defesa contra a guerra é o próprio homem» (Montessori, 2004: 22). Para tanto, é essencial rejeitar toda a educação que embrutece e atrofia os valores humanos, que transforma o ser humano em mais uma engrenagem da máquina social, que reprime e impõe limites à inteligência. Buscar e recuperar práticas educativas que alavanquem a compreensão, a liberdade individual, a autonomia, o desenvolvimento progressivo da personalidade da criança: eis as metas de todos aqueles que vislumbram um caminho de paz para a humanidade.

Para fundamentar os pressupostos de uma educação para a paz, os educadores escolanovistas apoiam-se no legado de Comênio e, principalmente, de Rousseau, que acreditava na bondade como uma predisposição natural do homem. Segundo Jares (2002: 23), estes são «os dois pioneiros da educação baseada no respeito às crianças, na união com a natureza e na fraternidade universal». As guerras e todos os distúrbios adviriam de uma distorção, de uma perturbação nessa natureza, que poderiam ser sanadas por meio de uma educação restauradora (Rabbani, 2003).

A Escola Nova argumenta em favor de uma educação para a paz, como a compreensão da interdependência entre os povos e nações e uma conseqüente educação universal que permita a convivência tranquila e harmônica entre todos. Para isso, é importante desmascarar os processos educativos responsáveis pela deformação da natureza piedosa e pacífica do ser humano, levando-o a cometer barbaridades como as guerras. Dito de outra forma, a educação deve ser universal e garantir a liberdade da criança. Sua universalidade se refere tanto à abrangência da educação, deve-se educar todos os seres humanos para a paz, como ao seu objetivo: educar para a compreensão e a convivência internacional. Educar para a liberdade, por sua vez, significa permitir a expressão das boas e naturais qualidades humanas e desenvolver o espírito crítico e a habilidade do contínuo questionamento. (Rabbani, 2003: 67)

As ideias dos educadores daquele período foram, de acordo com Jares (2002), corporificadas em propostas didáticas que incluíam conferências de personalidades pacifistas, concursos de redação, intercâmbios e correspondência entre escolas, excursões, viagens de estudo, exposições alusivas a outros países, comemorações de datas importantes, filmes, radiodifusão de mensagens, estudos comparados, jornadas desportivas e encenações de peças teatrais. Essas foram

experiências tentadas e desenvolvidas por educadores de e em diferentes instituições educativas e países, inclusive no Brasil, e apoiadas e divulgadas pela «Página de Educação», no jornal carioca *Diário de Notícias*¹.

A Primeira Guerra Mundial e o clima de tensão disseminado entre os países envolvidos, e que atinge mesmo os que permaneceram fora do conflito, foi responsável por conscientizar cientistas, educadores e opinião pública da necessidade de fomentar, por meio da educação e da escola, atitudes que impossibilitassem o surgimento de novos conflitos armados e colaborassem para a manutenção de um ambiente de conciliação e harmonia entre os povos:

É a partir do movimento da Escola Nova (EN) que surge a primeira iniciativa sólida de reflexão e ação educativa pela paz. Pelo seu caráter internacionalista e pela amplitude do modelo pretendido de educação para a paz, as experiências dessa escola, vão desde o enfoque dos grandes problemas sociais à transformação do meio escolar. Ela dirigia suas críticas tanto aos métodos e propostas didáticas da escola tradicional como à sua contribuição na militarização da infância e da juventude. Dessa forma, considera-se a escola como a instituição que pode afastar a guerra e, ao mesmo tempo, ser responsável por ela. (Beltrame, 2007: 26)

Após o final da Segunda Guerra Mundial, surgiu a Carta das Nações Unidas e foi aprovada a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948. Tem início um segundo momento, em favor de se implementar uma educação para a paz, sob os auspícios da ONU. Diferentemente do primeiro momento que investira em pactos, tratados e conferências para a sensibilização de educadores e da opinião pública, opta-se pelo investimento em instituições educacionais a fim de favorecer a concórdia e o respeito pelos demais povos do planeta. Até esse momento, prevalecia a necessidade de se investir na compreensão e cooperação internacional. De acordo com Jares (2002), a educação para a paz sob a perspectiva da UNESCO, estava orientada, basicamente, em três perspectivas: a) compreensão internacional e consciência supranacional; b) ensino relativo ao sistema de Nações Unidas e organismos internacionais; e c) ensino relativo aos direitos humanos.

A convocação de que os direitos humanos violados foram uma das causas de mais uma guerra mundial, serviu de parâmetro sinalizador para que o entendimento internacional fosse buscado e se tornasse, a partir daí, cláusula indispensável à construção de um mundo de paz (UNESCO, 1969). Outras declarações surgiram posteriormente: a *Convenção sobre Prevenção e Punição do Genocídio* (1948), a *Convenção sobre Direitos Políticos da Mulher* (1952), a *Declaração dos Direitos da Criança* (1959), a *Convenção Relativa à Luta Contra as Discriminações na Esfera do Ensino* (1960), a *Declaração sobre o Direito dos Povos à Paz* (1984), a *Declaração sobre o*

¹ O jornal *Diário de Notícias* foi fundado, no Rio de Janeiro, em 12 de junho pelos jornalistas Orlando Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel. O jornal, juntamente com outros periódicos da época – *Correio da Manhã*, *Diários Associados*, *O Combate* e *A Batalha* – apoiava sem restrições a Aliança Liberal de Getúlio Vargas (Pimenta, 2011: 33).

Direito ao Desenvolvimento (1986), a *Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento* (1992), entre outras (Beltrame, 2007).

Um terceiro momento despontou como «consequência do nascimento de uma nova disciplina denominada Pesquisa para a Paz» (Jares, 2007: 26). Acrescenta-se às discussões em prol de uma educação para a paz, a perspectiva do desenvolvimento social: «uma educação para a paz passa a ser aquela que permite às pessoas descobrirem as estruturas violentas e as prepara para a ação transformadora» (Rabbani, 2003: 73). Objetiva-se com essa mudança de enfoque, a conscientização, principalmente dos educadores, para as questões da violência que sofrem, mas também daquelas que promovem:

A forma como se deveria educar é aquela que permita a todos os envolvidos em uma relação de ensino e aprendizagem compreender os interesses de um conhecimento, compartilhando a sua perspectiva particular sobre um problema ou informação. Quando isso ocorre, a informação deixa de ser manipuladora e parcial para se transformar em uma verdade. Dito de outro modo, a natureza real de um problema se torna evidente quando *todos* os afetados podem expressar sua compreensão, sua informação, sobre o mesmo. Quando essa participação coletiva *não* ocorre, a transmissão de qualquer informação ou qualquer conteúdo se torna uma prática violenta, ainda que venha sob o rótulo de «ciência». (Rabbani, 2003: 4)

Esse conceito de educação surge em princípios dos anos de 1960 e procura recuperar os pressupostos enunciados pelo educador Paulo Freire. A referência é a postura dialógica, pois educar para a paz, requer relações de respeito e de solidariedade para uma reflexão que promova a emancipação e não a domesticação.

Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção por isso, teria de ser também, entre uma «educação» para a «domesticação», para a alienação, e uma educação para a liberdade. «Educação» para o homem-objeto ou uma educação para o homem-sujeito. (Freire, 2007: 44)

De acordo com Rabbani (2003), esses dois primeiros movimentos em prol da educação para a paz perspectivavam a redução da violência e a superação «em distintos níveis». Do ponto de vista da Escola Nova, a paz mundial adviria como consequência de se fomentar ações pacíficas e pacificadoras. Nessa terceira etapa, a construção de um mundo de paz, de um mundo que se espera, poderia ser consubstanciado a partir da recuperação das ideias e abordagens freirianas (Jares, 2007), uma vez que esta perspectiva pressupõe uma educação crítico-conscientizadora, desvelando e não escondendo, «com criticidade ética, as práticas sociais injustas, incentivando a colaboração, a tolerância com o diferente, o espírito de justiça e da solidariedade» (Freire, 2006: 391).

Um quarto instante da história da educação pela paz não possui um marco histórico, estando baseado em princípios não-violentos, entre os quais os de Mahatma Gandhi: firmeza na verdade,

ção sem violência, ênfase na autonomia e na autoafirmação, harmonia pessoal. Também pode-se destacar a necessidade do desenvolvimento de estratégias não-violentas, ressaltando «o dever de desobedecer» frente a «ordens injustas ou desrespeitosas» (Weier, cited in Jares, 2007: 28). A promoção de um mundo de paz, sob essa perspectiva, demandaria, não apenas a satisfação das necessidades básicas dos seres humanos, mas o aprendizado de atitudes não-violentas. De acordo com Rabbani (2003: 77),

não é suficiente informar sobre as injustiças e desigualdades para se criar uma atitude necessária para superar as injustiças sociais. Mais importante que o quê ensinamos é como ensinamos. Se sabemos como ensinar, podemos educar os seres humanos para a paz através do ensino das disciplinas tradicionais.

Assim, a paz pode ser vislumbrada e, finalmente, estabelecida.

Arautos para uma Nova Era

A difusão de um «programa de reforma da sociedade pela reforma do homem», de acordo com Carvalho (2007), aconteceu no período entre guerras tendo como suporte a «Liga Internacional pela Educação Nova», criada durante o I Congresso Internacional de Educação Nova e realizado em Calais, na França, entre 30 de julho e 12 de agosto de 1931. Sob a responsabilidade de educadores como Beatriz Ensor e Adolphe Ferrière, chegara a hora de «unir todos aqueles que, percebendo o raiar de uma nova era, quisessem contribuir para a “renovação do mundo desmoralizado”, convictos da possibilidade de construir uma humanidade melhor transformando a escola» (Carvalho, 2007: 279). A liga vislumbrava a possibilidade de fomentar a paz pela educação por meio da atuação de professores que teriam sob sua responsabilidade libertar as potencialidades da criança tornando-as «fortes, livres e senhoras de si mesmas» (Carvalho, 2007: 280).

Para a difusão dessas ideias de paz e de transformação do mundo pela educação das crianças, nasceu a revista *Pour L'Ere Nouvelle*, trazendo em seu primeiro número um manifesto proposto por Ferrière. Outras revistas foram, posteriormente, organizadas: *The New Era* e *Das Werdenda Zeitalter*, com o objetivo de complementar a difusão de ideias e de arregimentar educadores e simpatizantes comprometidos no movimento de renovação da educação e da escola ao redor do mundo.

Apresentando-se como órgãos oficiais da Liga, essas revistas funcionaram como veículos de difusão do movimento, e, nessa medida, forneceram aos seus leitores um alargado repertório de informação sobre o movimento educacional. Sua leitura fornecia informação detalhada sobre congressos internacionais, com especial relevo àqueles organizados pela Liga, publicando versões resumidas das Conferências neles realizadas e fazendo a crônica das atividades desses eventos. Ao lado desse trabalho de divulgação, as revistas se propunham a propa-

gandear os princípios básicos do movimento e a difundir iniciativas de sociedades congêneres, de grupos e de instituições, prescrevendo critérios para o seu ajuizamento. (Carvalho, 2007: 281-282)

Nesse sentido, e com essas aspirações, em distintos países e também em terras brasileiras muitas ideias foram colocadas em prática por diferentes educadores sob a forma de experiências, com objetivos e feitos exigidos por cada cenário educacional. No Brasil, merece destaque a «Página de Educação», criada por Cecília Meireles, que vislumbrava a possibilidade de se fomentar a fraternidade, que poderia e deveria ser incentivada pela educação, através, por exemplo, do intercâmbio pedagógico e cultural entre crianças das diferentes partes da América Latina e países de língua portuguesa, principalmente Portugal. Esse empreendimento representaria uma das vertentes do movimento em terras brasileiras, capitaneado por uma educadora que buscava promover, por meio da educação, a união entre os povos: uma de suas mais caras aspirações.

Para Cecília, «o trânsito das ideias, de uma terra para outra, o conhecimento das qualidades de cada povo», e mesmo os seus defeitos, o gosto da visitação e de toda aproximação humana venceria as fronteiras e a dificuldade da língua. O entendimento das diferentes expressões, hábitos e valores culturais, conduziria à harmonia entre os povos. Para ela, ainda somos quase «todos estrangeiros, uns para os outros», as raças e as religiões têm sido obstáculos para o convívio fraterno de que precisamos (Meireles, 2001c). Era necessário que se operasse no mundo uma transformação que humanizasse e essa transformação, «para ser profunda e definitiva», teria que ser realizada pela educação (Meireles, 2001c).

O carioca *Diário de Notícias* foi o primeiro jornal do Brasil a ter uma página inteiramente dedicada à educação e esteve sob a coordenação de Cecília Meireles de junho de 1930 a janeiro de 1933. Era ilustrado por Fernando Correia Dias, artista português e primeiro marido da poeta e educadora, contando também, com a colaboração de Frota Pessoa, Gerardo Seguel, Attilio Vivacqua, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, educadores que participavam com entrevistas, publicação de conferências e artigos. A «Página» era diária e trazia três matérias jornalísticas principais, além de uma coluna denominada «Comentário», cujo objetivo era o de contribuir para a popularização do ideário da Escola Nova e, ainda, difundir as concepções educacionais e filosóficas de sua organizadora.

A *Página* contribuiu para divulgar as iniciativas empreendidas nos estados por educadores como Antônio Sampaio Dória em São Paulo, de 1920 a 1925, que foi, segundo Fernando de Azevedo, «o primeiro sinal de alarma que nos colocou francamente no caminho da renovação escolar»; as do Rio de Janeiro (1927-1930); a de Minas Gerais (1927-1930); de São Paulo (1931-1932 e 1933); do Rio de Janeiro (1931-1935) e a de Pernambuco (1928-1930), como afirma Pimenta (2011). No *Diário de Notícias* o casal Cecília e Fernando também criou e organizou a «Página das Crianças», onde publicaram entrevistas, histórias, resenhas e pequenos trechos de

livros, poemas e canções de poetas, escritores e educadores brasileiros e de diferentes nacionalidades, com destaque para os autores iberoamericanos. Nesses dois espaços Cecília externava uma nova percepção, sinalizando aos educadores, conforme lembra Konder (2001: 18), que a sensibilidade poética não era um luxo, um complemento, mas «um elemento essencial da capacidade de lidar com o riquíssimo movimento da vida infantil».

No jornal carioca *Diário de Notícias*, Cecília publicou mais de 900 crônicas onde aborda temas relativos à educação, formação de professores, infância, religião, política, Escola Nova e entre tantos a questão da paz e temas correlatos: desarmamento, liberdade, cooperação entre os povos, solidariedade, fraternidade universal. Uma parte dessas crônicas foi organizada em uma seleção, em quatro (4) volumes, por Azevedo Filho (2001), responsável pela apresentação e planejamento editorial da coleção², em 14 eixos temáticos:

1. Conceitos gerais de vida, educação, liberdade, beleza, cooperação e universalismo (Vol. I);
2. Família, escola, infância e educação (Vol. I);
3. Adolescência, juventude e educação (Vol. II);
4. Problemas gerais do magistério, métodos e técnicas de investigação pedagógica (Vol. II);
5. Educação, Revolução, reformas de ensino e ortografia (Vol. II);
6. Educação, política e religião (Vol. III);
7. Nova Educação, Escola Nova, Escola Normal e ensino público, Formação do magistério e qualidades do professor (Vol. III);
8. Veículos de cultura e educação: poesia, cinema, teatro, música, exposições. Métodos auxiliares. O lúdico (Vol. IV);
9. O espaço escolar: ambiente e ambiência. Prédios. Concursos (Vol. IV);
10. Educação e literatura infantil (Vol. IV);
11. Intercâmbio escolar (Vol. IV);
12. Educação, jornalismo, responsabilidade e censura da imprensa (Vol. IV);
13. Civismo na formação das crianças, adolescentes e dos adultos (Vol. IV);
14. Paz, desarmamento e não-violência.

Sobre a paz pela educação e aqueles que tangenciam o tema, o 14º eixo da coleção traz um total de 31 crônicas. Numa outra estruturação, Ferreira (2007) estabeleceu 27 categorias. As crônicas organizadas, por essa autora, estão ordenadas sob critérios que visavam atender os objetivos daquela pesquisa, entretanto, é uma contribuição, desde que façamos uma reor-

² O quinto volume da coleção *Crônicas de Educação* traz as crônicas oriundas da coluna «Professores e Estudantes», do jornal carioca *A Manhã*. Cecília Meireles escreveu essa coluna de 1941 a 1943. No volume V, entretanto, foram selecionadas crônicas escritas em 1941 e 1942.

ganização de prioridades e de temáticas segundo as exigências do tema que ora discutimos. Encontramos crônicas que estão dispostas em categorias, que estão em desacordo com os critérios estabelecidos por Azevedo Filho (2001), como é o caso da série de «Cartas de estudantes mortos na guerra» e «Cartas de estudantes alemães mortos na guerra», que em Azevedo Filho estão alinhadas no 14^o eixo (Paz, desarmamento e não-violência) e em Ferreira (2007) ordenados na categoria «Literatura». Fora essa e outras divergências na distribuição em eixos ou categorias como cada qual estipulou denominar, o trabalho de compilação dos dois autores oferece um panorama das crônicas de Cecília no *Diário de Notícias*: as publicadas (Azevedo Filho, 2001) e aquelas somente disponíveis ao pesquisador pela consulta ao jornal (Ferreira, 2007) ou ao *site* da Hemeroteca Nacional³.

Pelo quadro organizado por Ferreira (2007) percebemos que as crônicas que se relacionam com questões elencadas como direta ou indiretamente alinhadas com a temática da paz pela educação, algumas foram organizadas sob as seguintes categorias: filosóficas (com 54 crônicas ou 5,53%), políticas (com 41 crônicas ou 4,20%) e outras. Essa organização, como afirmado anteriormente, apesar de apresentar incongruências no que tange ao objeto de estudo desse trabalho, oferece uma panorâmica por conter todas as 976 crônicas trazendo os títulos e, ainda, organizadas segundo a data de publicação das mesmas, que contribui sobremaneira para o trabalho dos pesquisadores.

É possível observar que, nos primeiros dois anos de existência da «Página», as crônicas versaram sobre temáticas amplas, focalizando questões como a difusão do ideário escolanovista, formação de professores, reforma educacional, ensino religioso, revolução, ou seja, temas que estavam na ordem do dia e que estavam mais restritas a questões educacionais.

Ainda como desdobramentos intrínsecos aos princípios da Escola Nova, que sustentaram as discussões sobre a Educação, foram os vieses filosóficos e psicológicos os protagonistas das crônicas cecilianas. As discussões apresentaram, na maioria dos comentários, uma preocupação com o olhar que o adulto da escola deveria destinar à criança, no sentido de romper com a perspectiva homogeneizadora do ensino presente na escola. Seus debates foram além da crítica à escola tradicional e abarcaram também aspectos legitimados naquele momento pela abordagem cientificista. Tais desdobramentos tiveram como base uma extensa rede de referências formada por pensadores do oriente e do ocidente como Tagore, Rousseau, Nietzsche, Dewey, Decroly, Montessori, Froebel, Pestalozzi, entre inúmeros outros amplamente reconhecidos por suas contribuições ao pensamento educacional da época. (Ferreira, 2007: 85)

Em menor escala podemos encontrar aquelas que tangenciam a questão da educação para a paz, elencadas anteriormente, qual seja, desarmamento, liberdade, cooperação entre os povos,

³ A pesquisa no jornal também pode ser realizada pela *internet* pelo *site* da Hemeroteca Nacional da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

solidariedade, fraternidade universal. Poucas crônicas foram encontradas sobre essa questão nos anos de 1930 e 1931. Já em 1932, acontece o auge da produção sobre o tema, tendo só no primeiro mês do ano, cerca de 15 crônicas, tratando dessas questões. As crônicas são quase que diárias e trazem títulos e temáticas que podem ter origem nos desdobramentos dos conflitos e na instabilidade política e econômica mundial, que se prolongava desde o final da primeira guerra mundial e de seus acordos desrespeitados, a grande depressão advinda com a queda da bolsa, com reflexos no Brasil: a queda do preço do café no mercado internacional e questões internas, que se desdobram na Revolução Constitucionalista de 1932.

A primeira crônica do ano, de 1 de janeiro de 1932, prenuncia o que se vivenciaria naquele ano e traz o título «Fraternidade Universal». As indisposições políticas que se sucediam já naqueles primeiros dias do ano deram sequência, no Brasil, a 87 dias de combate, entre 9 de julho a 4 de outubro de 1932, com um saldo oficial de 934 mortos, embora se afirme, extraoficialmente, que cerca de 2.200 foram mortos no confronto, inclusive em cidades do interior do estado de São Paulo. As crônicas refletem as preocupações de Cecília. Mal o mundo se despedira do confronto mundial, em 1919, e os conflitos estavam sendo estabelecidos logo ali, no estado vizinho. Os temas educacionais são alternados às questões humanitárias: «A canção do cárcere», «Desarmamento», «Desilusão da mocidade», «A propósito da paz», «Pró Paz», «Armistício», dentre tantas outras.

As crônicas de Cecília trazem a denúncia e o anúncio, embora ainda vigore a forma poética, cadenciada e candente, já que para ela era vital poetizar a vida, mesmo nos instantes de dor e de perplexidade. E ela o faz de forma bela, apaixonada, pois não havia destino melhor no mundo do que ser poeta. Entendia por poetas não apenas aqueles que sabiam esgrimir palavras, rimando e metrificando, «dentro de certos limites silábicos e com determinadas cesuras»: o poeta tem que ter «uma alma com dimensões diferentes da dos homens comuns», precisa saber articular numa síntese admirável a amplidão das visões objetivas como também das subjetivas, «com todos os seus matizes, todas as suas cambiantes, todas as suas transfigurações» (Meireles, 2001d: 23-24).

Ser educador equivalia a ser poeta, compreender a criança e suas aspirações e possibilitar o nascimento de um novo mundo de paz e de pacificação da natureza combativa por meio de uma convicção profunda, «de um gesto voluntário, não uma atitude meramente convencional e decorativa», afirmava. Lembrando Tagore, Tolstói, Selma Lagerlof, Gabriela Mistral e o espírito poético de Pestalozzi, de Kerschensteiner, de Eduardo Spranger, e de Bovet, – e de todos aqueles que tinham penetrado mais profundamente, «pelo milagre do seu dom poético», na alma da infância e da adolescência, Cecília acreditava ser possível atuar sobre a infância com eficiência e simplicidade e possibilitar a construção de um mundo melhor. A educação para ser efetiva em termos de consolidar esses pressupostos deveria ultrapassar os limites estreitos da sala de aula, derrubar as fronteiras entre os países, dissolver os estranhamentos de raça, língua, cultura, religião. Afirmava que «para os educadores, a paz é uma finalidade a que devem tender todos

os trabalhos humanos» e que tinha objetivos muito mais amplos que o simples ler e escrever (Meireles, 2001e: 310).

Ela via a fraternidade e a cooperação entre os povos, não como um apelo especial, à margem dos programas escolares, mas, ao contrário, como o objetivo central, o coração da educação. De acordo com Meireles, a arte, a ciência, a filosofia e o misticismo poderiam obter resultados satisfatórios, mas a educação, por possuir maior riqueza de oportunidades e por se dirigir simultaneamente a todos, preparava «por múltiplos processos, os próprios elementos de que vai ser construído o mundo que se espera, acima deste que por enquanto se vê» (2001a).

Como afirma Sorlin (1994), fazemos e escrevemos história com os conceitos e instrumentos do nosso tempo e ela assim o fazia. Defendia uma obra educacional que não tivesse como meta a padronização das criaturas, mas o reconhecimento salutar das desigualdades. Em «A paz pela educação», Cecília retomou a questão da construção da fraternidade entre os povos por meio do Mito de Narciso, e reafirmava: «nós só amamos bem o que se parece bem conosco; andamos sequiosos de repercussões, de respostas, de reflexos que de certo modo repitam o que somos». Além da arte, da ciência, da filosofia e do misticismo, a educação poderia obter resultados satisfatórios por ter múltiplas possibilidades, afirmava (Meireles, 2001a). Sobre estas questões, Lamego (1996: 23) revela:

Cecília Meireles foi de uma geração que pioneiramente estabeleceu um lugar para a mulher na vida pública. Sua presença na direção de uma seção de jornal representa um poder que poucas mulheres de sua década conheceram. Como suas contemporâneas latino-americanas, Cecília Meireles foi uma defensora intransigente da fraternidade mundial. Na esteira de sua defesa por uma irmandade que não fosse apenas nacional, limitada pelos símbolos e pelo sentimento de unidade típicos das Nações-Estado, Cecília Meireles pregava a abolição total das velhas instituições, em prol do renascimento de uma sociedade menos apaixonada pelos símbolos de uma pátria construída na base da exclusão, da desvalorização de seus cidadãos e cidadãs e das guerras. Dizia a escritora: «Como seria bom poder, destruindo uma instituição, uma lei, uma fórmula, agir magicamente sobre uma ideia!».

Em «Embaixada de crianças», refere-se à chegada ao Rio de Janeiro de crianças argentinas em missão de cordialidade, experiência cujo valor educativo é indiscutível: as crianças são conduzidas por sonhos e entre eles, ouve e contempla todas as coisas, ao contrário dos adultos que quando visitam um país, vêm demasiadamente preparados, «amarrados a muitas contingências, dominados por muitos interesses de várias categorias»⁴, afirmava. Para Cecília, o campo da educação não tem limites, e ilimitadas são as oportunidades de se tentar o melhoramento humano (Meireles, 2001b).

⁴ Em outras crônicas se refere ao amorismo brasileiro em relação ao turismo, da necessidade de se oferecer ao turista ou ao viajante, melhores condições de realização de seus objetivos: faltam publicações nas instituições e sítios pitorescos. Quanto aos museus, diz que faltam itinerários e planos de suas salas e não existem explicações de suas vitrines. Outra carência é quanto aos atrativos que caracterizam cada região ou cidade, as habilidades regionais não eram exploradas a contento e o turista não podia levar com ele as pequenas recordações do seu passeio.

Cecília defendia a proposição de que a escola leiga é o espaço em que as diferenças possuem uma expressão significativa. Para a educadora, tal escola se sustenta na possibilidade de preparação para pensar a paz, através do respeito às diferenças. E no ínterim de defesa desse princípio da Escola Nova, a essência de seu texto se sustenta por um olhar para a criança como ser singular, que precisa que a escola seja ajustada às suas necessidades e não que lhe seja imposta uma religião específica. (Ferreira, 2007: 105)

Segundo ela, a educação tem objetivos maiores que a simples instrumentalização para ler, escrever e fazer contas: a educação deve extrapolar os limites das paredes da sala de aula, precisa derrubar fronteiras e ganhar o mundo. Assim, as viagens, o intercâmbio escolar, o fomento das relações de conhecimento, respeito e solidariedade entre crianças de diferentes países têm um sentido educativo, para além do mero divertimento. Elas têm a capacidade de fomentar a fraternidade e a cooperação entre os povos.

Efetivando sonhos e aspirações

Os propósitos de Cecília Meireles em prol da paz e de uma educação que promovesse o melhoramento do homem brasileiro, aliado ao interesse pelo iberoamericanismo, fez com que tentasse colocar em prática essas suas aspirações. Dessa forma, ao criar uma biblioteca dedicada ao público infantil, em 1934, vislumbrou a oportunidade de desenvolver, naquele espaço, o que denominou de «organização iberoamericana», com exposições de livros infantis, revistas, jornais, gravuras, retratos, autógrafos e bandeiras. O iberoamericanismo, afirmava ela, até então vinha sendo um interesse de adultos – escritores, artistas, intelectuais –, mas na biblioteca, seria experimentado como um elemento educacional, para completar a formação da criança brasileira numa obra que consolidasse definitivamente a amizade e o conhecimento dos valores continentais, abrangendo Portugal e Espanha, e, por isso, «alcançando já as fontes de formação humana que nos fazem a todos irmãos, filhos do mesmo planeta – criaturas de destino universal».

Seria necessário, primeiro, que os homens se sentissem unidos por uma inspiração geral de amor. Para que esse amor, porém, possa, por sua vez, existir, mister se faz uma expansão de conhecimento que torne familiares todas as coisas que ainda estejam sendo obscuras ou incompreensíveis, e de cuja desconfiança e temor podem nascer esses desequilíbrios que custam o preço das guerras e marcam sombriamente a longa marcha da humanidade. (Meireles, 2001a: 301)

A arte, a ciência, a filosofia e o misticismo poderiam obter resultados satisfatórios, mas a educação, por possuir maior riqueza de oportunidades e por se dirigir simultaneamente a todos, contribuiria, por inúmeros processos, para a construção de um mundo de paz e equidade.

Considerações finais

Ampliar a compreensão sobre a inserção da poeta e educadora brasileira Cecília Meireles no debate que ora travavam os educadores e intelectuais de todas as frentes no tocante à articulação das questões pedagógicas para a fraternidade e cooperação entre os povos, é possibilitar que se entreveja parte dos múltiplos diálogos e experiências que eram pensados naquele período histórico. Proporciona, ainda, que nos acerquemos dos significados assumidos pelo impresso *Diário de Notícias* no contexto em que circulou. Cecília deixou no seu trabalho, no jornal carioca, um legado e importantes referências para os questionamentos e o necessário enfrentamento de dificuldades e indagações que os educadores deste século ainda se deparam ao exercer o ato pedagógico. O trabalho com as fontes e com a produção acadêmica sobre a educadora e sua ação pedagógica foram suficientes para que ficasse nítida a sua contribuição e a necessidade de discussão sobre a promoção da paz. Faz-se imperativo recuperar o pensamento e a ação de outros educadores, suas concepções pedagógicas, políticas e filosóficas e o possível diálogo que estabeleceram em função de uma escola, que precisa ultrapassar o seu papel burocrático de ensinar a ler, escrever e contar, e que assuma a educação das crianças como construtoras de si mesmas e da humanidade. Uma escola onde crianças de todas as procedências sejam orientadas por concepções éticas, estéticas e filosóficas de forma a serem capazes de fazer deste um mundo de paz, fraternidade e justiça para si e para todos.

Email: jussara.pimenta@unir.br

Referências bibliográficas

- Azevedo Filho, Leodegário de (Org.). (2001). *Crônicas de educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beltrame, Maria do Carmo Uggeri (2007). *Utopia realizável: A educação para a paz permeando a prática educativa* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Rio Grande do Sul, Brasil.
- Carvalho, Marta Chagas de (2007). A bordo do navio, lendo notícias do Brasil: O relato de viagem de Adolphe Ferrière. In Ana Chrystina Mignot & José Gonçalves Gondra (Orgs.), *Viagens pedagógicas* (pp. 277-293). São Paulo: Cortez.
- Ferreira, Rosângela Júlio (2007). *No veio da esperança a essência etérea da criança diversa na escola: O jogo inquieto do discurso jornalístico de Cecília Meireles* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Federal de Juiz de Fora, São Pedro, Juiz de Fora, Brasil.
- Freire, Ana Araújo (Nita). (2006). Educação para a paz segundo Paulo Freire. *Educação*, 2(59), 387-393.

- Freire, Paulo (2007). *Educação como prática da liberdade* (30ª Ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Jares, Xesús R. (2002). *Educação para a Paz: Sua teoria e sua prática* (2ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Jares, Xesús R. (2007). *Educar para a paz em tempos difíceis*. São Paulo: Palas Athenas.
- Konder, Leandro (2001). O espírito poético da educação. In Margarida de Souza Neves, Yolanda Lima Lobo, & Ana Chrystina Mignot (Orgs.), *Cecília Meireles: A poética da educação* (pp. 17-22). Rio de Janeiro: Edições Loyola.
- Lamego, Valéria (1996). *Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record.
- Meireles, Cecília (2001a). A paz pela educação (Diário de Notícias, 11 de agosto de 1932). In Leodegário Amarante de Azevedo Filho (Org.), *Crônicas de educação* (Vol. 4, pp. 301-303). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Meireles, Cecília (2001b). Embaixada de crianças. In Leodegário Amarante de Azevedo Filho (Org.), *Crônicas de educação* (Vol. 5, pp. 155-158). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Meireles, Cecília (2001c). Fraternidade (Diário de Notícias, 23 de janeiro de 1932). In Leodegário Amarante de Azevedo Filho (Org.), *Crônicas de Educação* (Vol. 4, pp. 151-153). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Meireles, Cecília (2001d). O espírito poético da educação. In Leodegário de Azevedo Filho (Org.), *Crônicas de educação* (Vol. 4, pp. 23-24). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Meireles, Cecília (2001e). Os educadores e a paz (Diário de Notícias, 30 de agosto de 1932). In Leodegário de Azevedo Filho (Org.), *Crônicas de Educação* (Vol. 4, p. 310). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Montessori, Maria (2004). *A educação e a paz* (Sonia Alvarenga Braga, Trad.). Campinas, SP: Papirus.
- Pimenta, Jussara Santos (2011). *Leitura, arte e educação: A biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937)*. Curitiba, PR: Editora CRV.
- Rabbani, Martha Jalali (2003). Educação para a paz: Desenvolvimento histórico, objetivos e metodologia. In Feizi Masrour Milani & Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus (Orgs.), *Cultura de Paz: Estratégias, mapas e bússolas* (pp. 63-96). Salvador: INPAZ.
- Sorlin, Pierre (1994). Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da História. *Estudos Históricos*, 7(13), 81-95.
- Unesco (1969). *Sugestões sobre o ensino dos direitos humanos*. Paris: Unesco.